



## PROFETA MIQUÉIAS

### ✚ UM PROFETA CONTRA O LATIFÚNDIO

#### A. Conhecendo o profeta Miquéias

O que mais chama a atenção no papel primordial dos profetas bíblicos é sua persistência em meio à crise. Eles enfrentam os obstáculos, encaram as situações adversas e assumem a posição de ser porta-voz de Deus. Enquanto que a liderança tenta ocultar os problemas, os profetas os desmascaram e os põem à existência, fazem suas críticas e chamam a mudanças.

Com Miquéias, a denúncia social atinge seus níveis mais altos. O profeta situa-se em ambiente campesino, em contato direto com os

agricultores, vítimas do latifundismo. Morasti encontra-se rodeada de fortalezas; em círculo de dez quilômetros surgem Azeca, Soco, Odolam, Maresa e Laquis. A presença de militares e funcionários reais devia ser frequente na região e, pelo que conta Miquéias, não muito benéfica. Além dos impostos, é provável que recrutassem trabalhadores para conduzi-los à Jerusalém (cf. 3, 10). O ambiente em que rodeia o profeta é caracterizado pelo latifundismo, impostos, roubo a mão armada e trabalhos forçados.

#### B. Realidade Histórica

A menção dos reis Joatão, Acáz e Ezequias dão a entender que Miquéias desenvolveu sua atividade profética durante um longo tempo, possivelmente entre os anos 725-701 a. C. (cf. Jr 26,18). Sendo assim, ele era, portanto, contemporâneo de Isaías. Enquanto este era da cidade e tinha mentalidade urbana, Miquéias, sendo camponês, buscava na cidade as raízes dos males que atingiam o campo. Era assim, um porta-voz dos interesses dos camponeses. Além do problema permanente da exploração do campo pela cidade, a sua região enfrentava o problema da guerra: a Assíria era uma grande potência na época e cobiçava não só as terras férteis da Judéia, mas também o acesso ao Egito, que se conseguia através dessa região. Assim, os problemas se acumularam: campo explorado pela cidade, e ambos cobiçados pelo estrangeiro.

É camponês originário de Morasti (1,1.4), vila no interior de Judá, perto da cidade de Gat, cerca de 33km a sudoeste da capital de Jerusalém.

Contemporâneo do profeta Isaías de Jerusalém, Miquéias vive um dos períodos mais conturbados do reino de Judá. Israel e Síria movem guerra contra a Assíria e Judá (guerra siro-efraimita, em 735-734: cf. II Rs 16,5-16; Is 7,1-9; 8,1-10); pagamento de altos tributos para a Assíria; destruição do reino do Norte e grande fluxo de refugiados para o Sul em 722 a. C.

Ezequias, rei de Judá de 716- 687 a.C., faz a reforma, atacando os santuários ou “lugares altos” do interior (cf. II Rs 18,3-6). O mesmo rei lidera o movimento antiassírio e faz guerra contra as cidades filisteias (705-701: II Rs 18,8). Senaquerib, rei da Assíria, invade o reino de Judá (701:II Rs 18,13-37). Vale recordar que todas essas guerras atingira os povos de Morast- Gat, não só por ser uma das fortalezas perto da fronteira com a filisteia, como também por sua localização na planície de Shefelá, a região mais fértil do país, com numerosa criação de ovelhas e grande produção de trigo e cevada.

Nada se sabe da posição social e da profissão do profeta. Enquanto uns o consideram “homem do campo” (Smith), “homem simples do campo” (Sellin), ou até o situam “no círculo de pequenos camponeses e donos de rebanhos oprimidos (Weiser), o pensador Wolf o julga personagem importante, zaqen preocupado com as injustiças que sofrem seus concidadãos.

A injustiça do latifundismo (2,1-5) deu-se em muitos momentos, e o oráculo contido em 1,8- 16 tampouco ajuda muito, porque se discute se o profeta ameaça com castigo futuro ou descreve desgraça passada.

#### C. Mensagem

Miquéias denuncia as autoridades civis e religiosas: “Ouçam isto, chefes da casa de Jacó. Prestem atenção, governantes de Israel, vocês que têm horror ao direito e entortam tudo o que é reto, que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade. Os chefes de vocês proferem sentença a troco de suborno. Seus sacerdotes ensinam a troco de lucro e seus profetas dão oráculos por dinheiro” (Mq 3,9-11). A injustiça e a corrupção social começam com as autoridades, atingindo a vida do povo. A população camponesa foi o grupo mais explorado pelas autoridades. Miquéias denuncia chefes, magistrados, profetas e sacerdotes.

O profeta responde, apresentando as provas concretas da realidade do povo oprimido pelos governantes: o direito dos pobres e duramente violado (cf. Dt 24,10-13; Am 2,8); as mulheres são expulsas da casa; as crianças têm seu direito à herança negado. Diante de tantas intempéries, Miquéias denuncia publicamente toda esta injustiça que se acometem contra este povo. Seu intuito é resgatar este povo e devolver a esperança nos seus corações.

A função do referido profeta é mudar a monarquia, diante de uma dura opressão contra os empobrecidos. Uma vez que, acontecia um violento acúmulo de terras nas mãos dos reis, terras estas tomadas injustamente dos camponeses. A forma como se cobrava o tributo dos camponeses era injusta, não se coadunava com a quantidade que eles podiam contribuir. Por isso, o mensageiro Miquéias vai se escandalizar com estas maldades, vindo a afirmar que estes monarcas cooperam não para o

bem, mas para o mal; arrancando a pele das pessoas e a carne de seus ossos.

#### **D. Redação**

O livro de Miquéias contém nos capítulos 1-3 a pregação de um profeta judaíta. É uma pregação crítica, que afirma que os ricos e poderosos de Jerusalém serão castigados. Já os capítulos 4-7 são acréscimos de outros autores, temas e preocupações. Portanto, é possível estabelecer a seguinte conjuntura:

O compilador aplicou aos oráculos de Miquéias critérios de composição clara, mas não unívoca. Pode-se ler os capítulos 1 e 6-7 em chave de julgamento: o juiz se apresenta numa teofania (1,2-4), para pedir conta dos pecados (1,5-7); reação do profeta (1,8-9) e das povoações (1,10-16). Julgamento com interrogatório (6,1-5); não vale o culto (6,6-9), denúncias e ameaças (6,9-16); lamentação do profeta (7,1-7). Restauração (7,8-20).

No período do exílio (587-538 a. C.), quando Jerusalém estava em ruína, os profetas ligados a Sião fizeram a releitura das palavras de Miquéias com a preocupação pelos sobreviventes (o resto de Israel) e pela restauração de Jerusalém. O processo de releitura durou até mais ou menos o ano 500 a. C., com o forte movimento da centralização no templo de Jerusalém: “Vamos subir para o monte de Javé, para o Templo do Deus de Jacó” (4,2).

Com as releituras e os acréscimos, o redator final teria organizado o livro alternando ameaças e promessas para moderar a severidade dos

oráculos de Miquéias, dando origem à seguinte estrutura: ameaça (1,2-2,11); promessa (2,12-13); ameaça (3,1-12); promessa (4,1-5,14); ameaça (6,1-7,7); promessa (7,8-20).

O versículo 5 do capítulo 2 é considerado por muitos, posterior a Miquéias por seu caráter prosaico e sua terminologia. Renaud aduz que “assembleia do Senhor” nunca é usada nos profetas e somente em textos posteriores a Miquéias (Dt 23,3.4.9; Nm 16, 3;20,4; I Cr 28,8); gôral, “sorteio”, é empregado sobretudo em textos tardios, especialmente sacerdotais (P).

#### **E. Estrutura do Livro**

A ambição e a ganância dos grupos dirigentes de Jerusalém sobrecarregam o povo, especialmente a população camponesa, que sofreu com tributos pesados, endividamento, violência, perda da terra, desintegração familiar-comunitária. Nesse contexto, Miquéias, partilhando da mesma sorte de seu povo, é corajoso e ousado ao proclamar o castigo de Javé para as autoridades civis e religiosas de Jerusalém, e até mesmo a destruição da Cidade Santa.

A leitura abarca o livro inteiro e, privilegiando alguns aspectos, permite reduzi-lo a um esquema regular:

##### **1. Teofania e consequências.**

- Manifestação de Deus 1, 1-2
- Reação da natureza 3-5
- Reação de Samaria 6-7
- Reação de Judá 8-16

## *2. Justificação do castigo.*

- Denúncia contra os latifundiários 2,1-5
- E acusação contra os falsos profetas 2,6-13
- Denúncia contra as autoridades 3,1-4 e acusação contra os falsos profetas 3,5-8.
- Denúncia contra os sacerdotes, juízes e profetas 3, 9-11.
- E sentença final: condenação de Jerusalém 3,12.